

DESWART, Sylvie. *Idéias e imagens em Portugal na época do descobrimento*. Lisboa: Difel, 1992.

Ronald Raminelli \*

Nos últimos anos, os estudos sobre a expansão marítima portuguesa têm movimentado o mercado editorial lusitano. A Comissão dos Descobrimientos promoveu importantes publicações sobre o tema, os Catálogos das exposições *Grã-Vasco*, ocorridas no Palácio d'Ajuda em 1992, e *Jerónimos 4 Séculos de Pintura*, no Mosteiro dos Jerónimos em 1993 são exemplos de rigor técnico nas imagens e de bom nível nos textos. O belíssimo livro da historiadora francesa Sylvie Deswart aparece no mercado português neste momento, fazendo parte de uma Coleção da Difel, denominada *Memória e Sociedade*, dirigida pelos professores Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, dois dos maiores historiadores portugueses da nova geração.

Apesar da nacionalidade francesa da autora, *Idéias e Imagens em Portugal* foi originalmente escrito em português, aliás em excelente português. Sylvie Deswart propôs-se a estudar Francisco de Holanda (1517-1584), personagem chave da cultura portuguesa no século XVI. A obra do célebre iluminador e teórico da arte permite entender com maior profundidade o impacto dos Descobrimientos sobre a cultura portuguesa do Renascimento. Holanda é contemporâneo a Camões, Gil Vicente e de Frei Heitor Pinto, autor do maior "best-seller" português durante a Idade Moderna, *Imagem da vida cristã*. A historiadora procurou estudar o neoplatonismo, vendo a difusão deste movimento filosófico entre os intelectuais portugueses. Contudo, centrou a atenção sobre o mais instigante deles.

Em *Idea*, Panofsky admira-se pelo emprego tardio da idéia platônica na literatura artística dos séculos XV e XVI, a despeito da grande voga neoplatônica entre os intelectuais florentinos. Somente no Maneirismo tardio, essa corrente filosófica teria uma difusão maior. Os primeiros estudiosos a recorrer a este legado foram Giovan Paolo Lomazzo (1590) e Frederico Zuccaro (1607). No entanto, Panofsky desconhecia a obra de Francisco de Holanda, do contrário, segundo Sylvie Deswart, recuaria em meio século sua

\* Departamento de História/UFPR.

análise sobre as idéias de Platão na literatura artística. Em *Da Pintura Antigua*, obra cujo o primeiro volume data de 1548, Francisco de Holanda realizou um feito notável, empregou o neoplatonismo a teoria da arte, procurando algo que permitisse unir objetos de arte das mais diversas civilizações.

Para o teórico, o Desenho é a essência da pintura, a primeira forma de tradução da idéia, tornando-se, portanto, a origem absoluta de toda a materialização do pensamento e de todo o intelecto humano. Partindo deste princípio, Holanda estudou obras de arte das mais variadas procedências, beneficiando-se da expansão portuguesa pelos quatro cantos do mundo. Por intermédio da coleção, comenta a historiadora, busca-se "encontrar reflexo da nova imagem do Mundo, subitamente dilatada. Ao lado das antiguidades clássicas, deseja-se que junto delas figurem as antiguidades da Índia e de outras civilizações recentemente descobertas"(p. 23).

Holanda maravilhou-se em constatar a mesma razão e disciplinas dos clássicos entre a gente bárbara do Brasil e Peru, demonstrando que os princípios da arte existem entre povos desconhecidos e distantes da tradição greco-romana. Assim, até as "antípodas" contribuíam para confirmar a validade de suas "teorias neo-platônicas universalistas duma *prisca pictura*". Francisco de Holanda fora o primeiro estudioso a adaptar a teoria da arte ao conceito ficiniano de *prisca theologia*, além de inovar ao acolher, em toda a sua extensão, as expressões artísticas da Índia e de outros mundos revelados pelos viajantes portugueses. Seus contemporâneos presenciaram igualmente a dilatação das fronteiras do mundo. No entanto, assegura Deswart, nem José de Castro, nem André de Resende, nem Camões conseguiram ou preocuparam-se em realizar tais correlações. "Foi assim, por intermédio do neoplatonismo e de sua visão universalizante oriunda dos cosmógrafos e navegadores portugueses que Francisco de Holanda, o antiquário, conseguiu englobar toda a arte do mundo"(p. 54). Enfim, análises instigantes como estas constituem uma pequena mostra do belo e importante livro de Sylvie Deswart.